

PAULO FREIRE E PICHON – RIVIÈRE: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS EM TORNO DA EDUCAÇÃO E DA PSICOLOGIA

Eloisa da Silva G. Oliveira

INTRODUÇÃO

En algún momento, Freire me dijo: "Leí a Pichon y pensé: 'este hombre me ha copiado', pero analizando fechas me di cuenta de que yo había pensado lo mismo en otro tiempo y espacio, sin conocernos". (Quiroga, 2001, p. 12)

A citação de Ana Pampliega Quiroga, resgatando palavras do próprio Paulo Freire, ilustra um fato amplamente aceito hoje em dia: a existência de um espaço de interseção entre as obras de Paulo Freire e de Enrique Pichon – Rivière, principalmente no que concerne à prática pedagógica. Estabelecer o delineamento destes espaços é tarefa complexa, porém compensadora. Partindo de objetos de investigação diferentes – Pichon interessava-se inicialmente pela doença mental, significando-a como uma disfunção de aprendizagem; Paulo Freire preocupava-se com a educação popular e o papel do educador – há vários pontos comuns.

No mesmo texto de onde foi retirada a epígrafe deste trabalho Quiroga – colaboradora e principal difusora da obra de Pichon Rivière – afirma:

Si tuviera que sintetizar en unas palabras lo común entre Freire y Pichon diría: la práctica y el protagonismo de los sujetos que conocen. (Quiroga, op. cit, p.17)

Pretendemos desdobrar estas duas amplas áreas – a prática e o fato do homem protagonizar ativamente o processo de conhecimento – buscando neste artigo alguns pontos de confluência entre os dois importantes teóricos.

Podemos considerar, de início, que os dois concebem o conhecimento como fundamentado na prática social, e não como produto de uma ação

individual do homem. A relação transformadora deste – com os outros homens e com a natureza – torna-o um sujeito eminentemente social.

Em ambos os casos o ser humano aparece como “ser criador”, portanto instituinte (no sentido da sua relação divergente com o instituído). Desta forma, consideramos o educador “libertador” em relação permanente com seus alunos, como diz Paulo Freire ao conversar com Ira Shor (1996, p.64):

...É muito importante que os educadores libertadores saibam que eles não são, propriamente, os “iluminadores”. Devemos evitar o pensamento de que nós somos os “iluminadores”. Creio que a educação libertadora implica a iluminação da realidade, mas os iluminadores são os dois agentes do processo, os educadores e os educandos juntos (...) Engajar-se num processo permanente de iluminação da realidade com os alunos, lutar contra a falta de nitidez e ocultamento da realidade, têm algo a ver com evitar cair no cinismo.

Neste pequeno trecho do longo diálogo de Paulo Freire com seu interlocutor, identificamos flagrantes familiaridades com o pensamento de Rivière (1988, p. XV), quando insiste em uma permanente atitude crítica diante da realidade social e histórica. Isto implica a interpelação dos fatos — tarefa científica da Psicologia Social — e a sua problematização.

Como consequência da crítica, temos a desmistificação, a superação das ilusões ou ficções em relação aos fatos. Tais interrogações removem os véus da familiaridade e superam o pseudoconhecimento, *introduzindo uma distância adequada entre o fato e o sujeito, que se transforma assim em sujeito cognoscente*. Todo este processo inclui a consciência e a reflexão, onde antes havia mecanismos de ação irrefletida e representações acríticas ou, como diria Paulo Freire, a *burocratização da mente*.

De maneira semelhante Pichon – Rivière, fala do processo de criação, ao qual podemos associar o ato de educar:

O esquema de referência de um autor não se estrutura apenas como uma organização conceitual, mas está amparado num fundamento motivacional de experiências vividas. Através delas, o pesquisador construirá seu mundo interno, habitado por pessoas, lugares e vínculos que, articulando-se com um tempo próprio, num processo criador, configurarão a estratégia do descobrimento. (1982, p.11).

A METODOLOGIA: UMA TENTATIVA DE “DIÁLOGO” ENTRE CONCEITOS DE PAULO FREIRE E DE PICHON RIVIÈRE

Para uma investigação como a que nos propusemos, era necessário definir uma metodologia que nos permitisse, sem a rigidez de uma investigação formal, clareza e legibilidade dos resultados, tornando-os uma contribuição para a Educação.

Como o estudo está situado nesta difícil confluência entre a Psicologia e a Pedagogia – normalmente uma “área de risco”, pelas dificuldades e imprecisões que acarreta, optamos por aquilo que chamamos – intimamente, é claro – de “diálogo entre os autores”.

Desde a época em que os seres humanos pré-históricos não conseguiam entender os fenômenos da natureza e os temiam como síntese do desconhecido e do incontrolável, passando pelo momento da evolução para a tentativa de explicação do mundo através do pensamento mágico e das crenças, até o nascimento da ciência metódica e da busca das respostas através da comprobabilidade, repetibilidade e generalização / aplicação – além do efetivo vínculo com a lógica – o percurso metodológico sempre foi fonte de dúvidas e inseguranças.

Além disto, o “fantasma” da neutralidade estava presente. No nosso caso, como estudar dois teóricos tão apaixonantes, como Pichon-Rivière e Paulo Freire, mantendo uma certa distância emocional? Será que não nos poríamos, quase inconscientemente, a tecer loas aos dois, em vez de buscar a resposta à questão que nos norteava: “Quais os conceitos integradores das obras dos dois autores?”.

Optamos, então, por uma variação de estudo descritivo, através da análise documental da obra de ambos. Levantamos toda a bibliografia disponível, impressa e através de meios virtuais, e selecionamos cinco algumas obras que consideramos fundamentais, para este início de processo do mapeamento dos conceitos – chave, aproximadores de Pichon e Freire.

OBRAS SELECIONADAS	
ENRIQUE PICHON-RIVIÈRE	PAULO FREIRE
O Processo Grupal. Da Psicanálise à Psicologia Social. (I). Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1980.	Ação Cultural para a liberdade. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.
La Psiquiatría, una nueva problemática Del Psicoanálisis a la	Educação e mudança. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

Psicología Social (II)Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires, 1979.	
El Proceso Creador . Del Psicoanálisis a la Psicología Social (III). Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires, 1982.	Pedagogia da Esperança. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.
Psicología da Vida Cotidiana. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1998.	Pedagogia do oprimido. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1996.
Teoria do Vínculo. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1986.	Pedagogia da Autonomia. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1996.

Buscamos, ainda, duas outras obras referenciais de Paulo Freire: **Medo e Ousadia**, em que ele e Ira Shor discutem as angústias cotidianas dos professores ao experienciarem a pedagogia do diálogo, nas mudanças de atitudes práticas e teóricas que a escolha dessa concepção de educação traz; e **Que fazer: teoria e prática em educação popular**, em que Paulo Freire e Adriano Nogueira dialogam sobre Educação Popular: o processo educativo que rompe com a tradição educacional ocupada apenas com uma minoria social e que confere à educação um conteúdo social e uma dimensão política.

Cada uma das autoras deste texto mergulhou na obra de um teórico, buscando os conceitos integradores, realizando duas leituras: a primeira, "ingênua", sem a aplicação de qualquer "crivo" ou critério de seleção; a segunda, norteada pelo princípio do levantamento dos conceitos mais importantes, com o objetivo de listá-los e descrevê-los sucintamente.

Em um terceiro momento estabelecemos um diálogo entre Pichon e Freire, através dos conceitos listados, buscando as analogias pretendidas.

Finalmente, voltamos às obras selecionadas, para uma pesquisa mais aprofundada dos referidos conceitos. Um dos princípios que norteou esta busca, no entanto, foi o da aplicabilidade dos resultados da mesma à formação de docentes.

Ao falar da docência que exige pesquisa, Paulo Freire foi claro:

Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnoseológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando "curiosidade epistemológica". (Freire, 1996^A, p. 14).

Vejamos, então, um primeiro resultado da aplicação desta metodologia, talvez transicional entre a curiosidade ingênua e a epistemológica.

PRIMEIROS RESULTADOS: OS CÍRCULOS DE CULTURA E OS GRUPOS OPERATIVOS; O CONCEITO DE APRENDIZAGEM EM PICHON E FREIRE

Escolhemos dois aspectos, entre muitos que aproximavam as obras dos dois teóricos, para este breve comentário.

Em primeiro lugar, **a analogia entre os círculos de cultura e os grupos operativos.**

Paulo Freire, em sua prática pedagógica, criou os "círculos de cultura", unidades de ensino substitutivas da escola tradicional. Constituíam espaços em que pessoas se reuniam para discutir a vida familiar e profissional, aprendendo com o grupo e ampliando, entre outras significações, suas "leituras do mundo".

Nesses espaços acontecia uma ação educativa libertadora. Em entrevista conjunta com Frei Betto, dada ao repórter Ricardo Kotscho, Paulo Freire diz que, a partir da formação de grupos de variado número de pessoas, estabelecia-se conjuntamente os temas a serem discutidos. O educador podia acrescentar algum "tema de dobradiça" – "*... assuntos que se inseriam como fundamentais no corpo inteiro da temática, para melhor esclarecer ou iluminar a temática sugerida pelo grupo popular. (1986, p.14)*", mas o alicerce era o saber popular, oriundo da prática social, "Através do diálogo os homens" em comunhão "aprendiam de forma reflexiva e crítica a encontrar formas de transformar a realidade, construindo uma" consciência transitiva crítica", articulada com a práxis. As bases dessa construção são, portanto, o a convivência, a fala, o diálogo crítico.

Na conhecida obra "Pedagogia do Oprimido", Freire enuncia com clareza este conceito, propondo o rompimento dos esquemas verticais da educação bancária, através da mudança dos papéis de educador e educando, assim como da utilização do diálogo:

Desta maneira, o educador não é o que apenas educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa (...) Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (Freire, 1996, p. 39).

Pichon-Rivière propõe, a partir da experiência clínica, a formação de "grupos operativos". São grupos homogêneos ou heterogêneos, centrados

em uma tarefa de forma claramente definida. Estabelece-se, uma didática ou "maiêutica grupal" (termo utilizado na concepção socrática), em que teoria e prática se entrelaçam, e as funções de mestre e de aprendiz se alternam de forma saudável.

Através da desconstrução de conceitos e certezas estabelecidos, o grupo aprende a aprender e a pensar. Na realidade, enfrenta dois tipos de tarefa: uma explícita, relativa ao objeto definido, e uma implícita, referente ao próprio grupo, em um entrelaçamento entre a verticalidade, história pessoal de cada membro, e a horizontalidade, dimensão do momento atual vivido pelo grupo.

Paulo Freire, ao analisar o trabalho dos agentes sociais, fala de uma "valentia de ser competente" e de uma "solidariedade horizontal", característica "*daquela opção 'primeira' de escuta e de trabalho junto ao conhecimento peculiar de crianças populares.*" (Freire & Nogueira, 1989, p. 50 - 51).

Ainda em relação aos grupos operativos, Pichon afirma que "*A análise das ideologias é uma tarefa implícita na análise das atitudes e do esquema conceitual, referencial e operativo...*" (1980, p.93).

O segundo aspecto a ser destacado é o próprio **conceito de aprendizagem.**

Pichon-Rivière considera que a doença mental está diretamente associada a um distúrbio ocorrido no processo dialético de aprendizagem do real. Trata-se de uma alteração da seqüência operativa entre os instantes de fechamento e de abertura na dinâmica de aquisição e assimilação de conhecimentos.

O vínculo tem grande significado para a aprendizagem, já que é definido como uma estrutura complexa, composta pelo sujeito, o objeto e a sua interação com os processos de comunicação e aprendizagem.

Na obra *Teoria do Vínculo*, Rivière fala de uma "*... maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento, que chamamos vínculo.*" (1986, p. 24).

Ao pensar o homem como um sistema aberto, incompleto, que "faz sistema com o mundo", Pichon delineia uma subjetividade construída socialmente, por seres contextualizados e históricos. Este homem aprende

constantemente, imerso em uma trama vincular que, mais que a socialização – termo controvertido e criticado – alicerça uma “endoculturação”.

Em Paulo Freire, o conceito de aprendizagem não está definido pura e simplesmente em uma frase, porém encontra-se embutido dentro de outros conceitos como: educação, diálogo, homem como um ser de relações, atividade criadora e na superação da consciência ingênua. Acreditamos que em cada um desses conceitos que fazem parte da teoria de conhecimento desenvolvida por Freire contenham os ingredientes necessários à ação de aprender. Por exemplo, quando tece comentários sobre a consciência bancária presente na educação (1979, p.38):

O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita. Mas os curiosos é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça. O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação.

Desta forma, a aprendizagem é arrancada das tradicionais concepções “bancárias”, citadas anteriormente, tornando-se problematizadora. Longe de uma doação feita por alguém que detém maior saber, torna-se horizontal e dialógica. Em decorrência, o conhecimento construído através desta forma de aprendizagem é crítico e transformador, incidindo de forma saudável sobre a realidade circundante e permitindo ao homem uma nova práxis.

À medida que avançamos nestes dois aspectos, outros não menos interessantes, emergiram como possíveis norteadores desta exposição: a utilização de técnicas dramáticas (o teatro do oprimido, no caso de Paulo Freire, o psicodrama em Pichon); a similaridade entre o educador popular do primeiro e o agente social, do segundo, como exemplos.

Outra similaridade é a presença, nos dois autores, da referência ao sonho, à utopia e à poesia.

Freire, ao escrever a *Pedagogia da Esperança* – que chama de reencontro com a *Pedagogia do Oprimido*, afirma:

A compreensão da história como possibilidade e não determinismo, a que fiz referência neste ensaio, seria ininteligível

sem o sonho, assim como a concepção determinista se sente incompatível com ele e, por isso, o nega. (Freire, 1992, p. 47).

E os dois chegam a escrever poesia... Paulo Freire, além dos belíssimos textos que escreveu, eivados de sensibilidade, tornou-se poeta em "Escola"¹:

Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se 'amarrar nela'!
Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz.

Ou Enrique Pichon-Rivière, no célebre prólogo de "O Processo Grupal" (1980), poetizando sobre a morte e a vida:

Connaissance de la mort.
Je te salue
mon cher petit et vieux
cimetiere de ma ville
où j'appris à jouer
avec les morts
C'est ici où j'ai voulu
me reveler le secret de
notre courte existence

¹ Disponível em <http://www.paulofreire.org/>, acessado em 12/10/2004.

à travers les ouvertures
d'anciens cercueils solitaires.

UMA CONCLUSÃO À MODA DE RECOMEÇO: QUESTÕES A SEREM RETOMADAS

Se algo pode ficar bem claro, ao final deste texto, é que ele pode e deve ser retomado, para novas discussões. Além das aproximações teóricas – tentativas de “diálogo” entre a obra dos dois autores – há outros aspectos que os tornam assemelhados, e que instigam a nossa motivação epistêmica.

Optamos por apresentá-las sob a forma de questões e convidamos aos que se interessarem pelo tema, para refletir sobre elas, problematizá-las, aprofundá-las em novos artigos.

Parece-nos bastante desafiador refletir criticamente sobre alguns aspectos da obra dos dois autores e discutir questões como as propostas abaixo:

1ª) Recebemos, como herança da ciência positiva, uma visão de mundo perpetuada pela escola em sentido pleno e, em mais larga escala – através dos efeitos multiplicadores que possui – pelos cursos de formação de professores. De que maneira o ideário de Paulo Freire, associado ao de Pichon Rivière, pode efetivamente impactar esta formação?

2ª) Para Pichon-Rivière, um instituto de psiquiatria bem organizado precisa de um departamento de pesquisa social.

A investigação que se queira fazer de uma situação de tensão particular, qualquer que seja, precisa ser realizada dentro do contexto social em que as coisas acontecem (...) Para construir uma teoria da enfermidade psíquica necessitamos da referência permanente do homem em seu contexto real e exterior (Pichon-Rivière,1986,p.24).

Freire pergunta como alfabetizar sem conhecimentos precisos sobre a aquisição da linguagem, sobre linguagem e ideologia, sobre técnicas e métodos de ensino da leitura e da escrita. Indaga também:

...como trabalhar, não importa em que campo, no da alfabetização, no da evangelização ou no da saúde sem ir conhecendo as manhas com que os grupos humanos produzem sua própria sobrevivência?(Freire,1996^B, p.90)

Se juntarmos, em um único parágrafo, o pensamento dos dois autores teríamos: como psiquiatra ou educador, preciso “ler” cada vez melhor a leitura do mundo que os educandos e os doentes mentais fazem de seu contexto imediato, assim como da sociedade de que seu contexto faz parte.

Para intervir educacionalmente, ou de forma terapêutica, precisamos entender os significados emprestados às explicações de mundo de nossos educandos e de nossos doentes. No campo educacional ainda não temos pesquisas suficientes que dêem conta das leituras de mundo praticadas pelos diversos grupos populares que compõem o alunado.

Indagamos: estes conhecimentos coletados nas pesquisas de cunho etnográfico não deveriam estar disponíveis aos professores em formação? E, mais ainda, não deveríamos estar nos ocupando de uma formação permanente que poderia estar sendo promovida, por exemplo, através de seminários, simpósios, colóquios etc?

3ª) Segundo Pichon existem três dimensões de investigação: a investigação do indivíduo, a do grupo e a da instituição ou sociedade. Estas três dimensões permitem três tipos de análise: a psicossocial, que parte do indivíduo para fora; a sociodinâmica, que analisa o grupo como estrutura; e a institucional, que toma todo um grupo, toda uma instituição ou todo um país como objeto de pesquisa.

Esses campos de investigação (psicossocial, sociodinâmico e institucional) não estão separados claramente e, portanto, vão se integrando sucessivamente. Assim, Pichon propõe uma psiquiatria concebida a partir das relações interpessoais, da relação do indivíduo com o grupo e/ou com a sociedade — uma Psiquiatria do Vínculo. Concebe esta psiquiatria como dinâmica e construída com os postulados da psicanálise, já que historicamente a psicanálise empreendeu o estudo das relações de objeto. O material de trabalho desta psiquiatria é a observação permanente das maneiras como cada indivíduo se relaciona com o outro ou os outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento, que Pichon denomina de vínculo. Assim como Pichon, Freire projeta uma pedagogia que só ganha sentido em sua dimensão humana se, *com ela, se realiza uma espécie de psicanálise histórico-político-social de que vá resultando a extrojeção da culpa indevida* (1996^B, p.93).

Isto porque, desde a Pedagogia do Oprimido, Freire vem apontando que cabe tanto aos educadores quanto aos educandos a imensa tarefa de expulsarem seus opressores através de uma educação libertadora para ambos. Alfabetizar é conscientizar, porque a sombra invasora representada pelo opressor internalizado é substituída, pela assunção por parte dos educandos de uma autonomia e de uma responsabilidade crescentes.

Esta atitude romperá com o que Freire chamou de "visão nutricionista do conhecimento" (1976, p. 37), transformando a palavra em "pão do espírito", que os alfabetizados precisam comer e digerir.

É importante salientar que o ensino da leitura e da escrita, em se tratando de classes de alfabetização, não é relegado a um plano secundário e obscurecido, pela relevância ética e política atribuída ao esforço conscientizador.

4ª) O multiculturalismo crítico, apresentado por Peter Mc Laren e outros estudiosos do currículo, pode ser alicerçado em trabalhos dos dois teóricos aqui focalizados? De que forma os conceitos explicitados por Freire e por Rivière, podem influenciar na construção de uma práxis educativa que contemple a interdisciplinaridade?

Completando esta "quase conclusão", e indicando a intenção de recomeço da reflexão desenvolvida, inserimos uma mensagem final aos jovens educadores que desejam aprimorar a sua prática, vinda de Paulo Freire. Em entrevista dada a Moacir Gadotti (1991, p. 140), ele dizia:

Essa pedagogia que a gente quer construir com a juventude que vai fazer a pedagogia nova, com os jovens que, daqui a pouco, também vão escrever seus livros e construir uma pedagogia revolucionária, certamente não será uma pedagogia rançosa...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996^A.

_____ & SHOR, Ira. *Medo e Ousadia - O Cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996^B.

_____ & NOGUEIRA, Adriano. *Que Fazer - Teoria e Prática em Educação Popular*. Petrópolis: Vozes, 1989.

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1991.

KOTSCHO, Ricardo. Paulo Freire & Frei Betto: *Essa Escola Chamada Vida*. São Paulo: Ática, 1986.

PICHON-RIVIÈRE. Enrique. *La Psiquiatría, una nueva problemática. Del Psicoanálisis a la Psicología Social (II)*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1979.

_____. *O Processo Grupal. Da Psicanálise à Psicologia Social. (I)*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

_____. *El Proceso Creador - Del Psicoanálisis a la Psicología Social (III)*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1982.

_____. *Teoria do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes. 1986

_____ & Quiroga, Ana Pampliega. *Psicologia da Vida Cotidiana*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

QUIROGA, Ana Pampliega. El Universo compartido de Paulo Freire y Enrique Pichon Rivière. *Suplemento- Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo*, julho 2001